

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A VIDA DE UM SOLDADO. OS MARTÍRIOS QUE SE PASSA ENQUANTO SERVI O ESTADO.

PASSOS, Carlos de

Ano: 1942 | Número: 52

Como citar este documento:

PASSOS, Carlos de, A Vida de um soldado. Os martírios que se passa enquanto servi o estado. *Revista de Guimarães*, 52 (1-2) Jan.-Jun. 1942, p. 21-23.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A vida de um soldado

Os martirios que se passa enquanto servi o estado

Todo o rapaz que é perguiçoso
Deve vir para soldado;
Que aqui é que se aprende
A ser brioso e educado.

Na peluda não pensava
De um dia vir a ser frade
Estou metido num convento
Já não tenho liberdade.

Tudo o que isto ouvir
Deve pensar a perfeito
Porque os soldados de Mafra
São os que mandam mais respeito.

Todo o homem que fôr bom
Aqui aprende a matar
A dar pela patria a vida
Sempre pronto a guerrear.

O meu nome do baptismo
Já ninguém mo quer chamar
..... (1)
E' o nome que eu vim usar.

Aqui somos como ovelhas
E os superiores os pastores
Para todo o lado seguimos
A' voz do som dos tambores.

Quando fôr para a peluda
Ainda penso que é mentira
Já vou pronto para a estocada
E a alça no ponto de mira.

Quando eu vir a namorada
Nem sei o que lhe heide dizer
De tantas saudades que levo
Que tudo me hade esquecer.

Se ella ainda me ligar
Eu logo me ponho em guarda
Estucada curta a pé firme
E fica a historia acabada.

Não é só isto que conto
Que ainda tenho muito mais
Só agora é que dou valor
A' casinha de meus pais.

Adeus meu comandante
Nobre pessoa de bem
Vou para a minha terra
Que esta vida não me mantem.

Adeus tarimba movel
Cama dos desgraçados
De tanto que em ti me deito
Levo meus ossos pesados.

Meus senhores podem ouvir
A vida de um militar
E' sacrificio pela patria
Que todos tem de passar.

Eu quando fui apurado
Logo as guias foi tirar
Para no outro dia seguir
E para os amores deixar.

Fui surteado para Mafra
E no comboio embarquei
Só passado doze horas e meia
E' que enfim lá cheguei.

Quando no quartel entrei
Só me faltava chorar
Deram-me logo a farda
Para me ir fardar.

(1) A identificação do rapaz é, naturalmente, dispensável.

No dia seguinte
O cabelo foi cortar
Era obrigado e não pude
Contra as ordens protestar.

Quando eu vesti a calça
Causou-me muita paixão
Porque dentro da mesma calça
Cabia outro figurão.

A camisa era tam dura
Que parecia de madeira
Era ella de pano crú
Que até fazia coceira.

As botas eram tam grandes
Pareciam barcos de véla
Porque se podia navegar
No meio do mar dentro della.

Com respeito à comida
O mal adubado macarrão
Era agua o tempero
E com cascas de feijão.

O café era tão cedo
Que até causava paixão
Era amargo como o fel
E feito com pó do fogão.

E para não morrer de fome
Tudo tinha que comer
O' minha casa meu lar
Que não te torno mais a vêr.

Dia sim e dia não
Uma guarda foi fazer
Já tenho os meus ossos pesados
De nas tabuas adormecer.

Até da propria namorada
Logo fiquei abandonado
Na ultima carta me disse
Que já não ligava ao soldado.

Estendi o braço à bandeira
E quiz por ella jurar
A dar pela patria a vida
E sempre do inimigo a salvar.

O jaleco nem se fala
Ficavam as mãos escondidas
As mangas eram tão grandes
Tinham dois metros de compridas.

Rapazes da minha terra
Isto tudo vos posso contar
Quem quizer saber o que não sabe
Venha para militar.

Quem não serve para a tropa
Tambem não serve para nada
E' tacho velho sem fundo
E' bilha velha furada.

Deixei pai mãe e irmãos
Tambem deixei meus amores
Pela honra e pela patria
Marcho ao som dos tambores.

Quando quero ir para a rua
As botas levo engraxadas
Mas a sentinela da porta
Logo se põe a exaninál-as.

E a sentinela nos diz
Volta para traz rapazinho
Bota graxa nessas botas
E não gastes o pré em vinho.

O pré que nós recebemos
E' só uma gargalhada
São seis tostões por quinzena
Para escrever à namorada.

Temos que fazer de lavadeira
Se queremos roupa lavada
Porque o pré é muito pouco
E não chega para nada.

Aprendi a fazer a cama
Coisa que eu nunca fiz
E um dia que eu me case
Já a mulher é mais feliz.

O capote que me deram
Causava-me aflição
Com meio metro de sobra
Andava a varrer o chão.

Quando minha mãe me mandava
À nossa casa varrer
Eu de tudo refilava
E nada queria fazer.

Agora sou obrigado
E não posso refilear
São corredores como avenidas
Que eu tenho de esfregar.

Passo a pano corredores
 Parece que nunca tem fim
 Lavo mesmo contra vontade
 E sempre tenho de dizer que sim.

Se me calo tenho castigo
 Se falo sou castigado
 Não sei como hei-de viver
 Nesta vida de soldado.

Se acaso digo que não
 Principia a minha desgraça
 Logo me metem na prisão
 Mesmo a trabalhar de graça.

Quando me deram a mochila
 É pá picareta também
 Logo eu a puz ás costas
 A vêr se me ficava bem.

Muitos trabalhos passei
 Para aprender a estrução
 E marca passo rapaziño
 Diz o nosso capitão.

Parecia um burro arriado
 Para engatar a uma carroça
 Perguntei a um superior
 Se aquela carga era a nossa.

Quando toca á alvorada
 A' pressa me ponho a pé
 Vai depressa rapaziño
 Se não ficas sem café.

Elle logo me respondeu
 Que faltava a mauser vergueiro
 Que ainda estava por dar
 Esse pezo verdadeiro.

Quando um minuto mais tarde
 Na fórma quero entrar
 Não querem saber da desculpa
 E logo me vão castigar.

Quando juramos bandeira
 Fiquei mais contente um bocado
 Não pensei que o meu corpo
 Fosse na tarimba amaçado.

Rapazes portuguezes
 Curramos á mesma sorte
 Seguimos o nosso caminho
 Sempre agarrados na morte.

Nota. — Acêrca da veia poética popular não faltam nas publicações etnográficas notícias e curiosos depoimentos. Nêles sempre se manifesta o espírito mordaz do nosso povo, o seu gôsto de pôr em verso os defeitos, erros e asneiras, cometidos pelo próximo, a facilidade do mesmo em versificar, embora, no geral, sem respeito pela métrica. Limito-me, pois, a juntar a êsses depoimentos o que ficou acima estampado. Escreveu-o certo rapaz da beira limiana, há poucos dias, o qual esteve em serviço militar na Escola Prática de Infantaria, de Mafra. O destinatário, filho do meu caseiro, radiante com a versalhada, leu-ma e emprestou-ma. Eis um *benemérito* da ciência etnográfica.

CARLÓS DE PASSOS.